



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS
COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS



Rua José do Patrocínio, 85 – CEP 97050-150 – Fone: 0xx.55.3222.0433
E-mail: colegiomaneco@gmail.com / ssemaneco@gmail.com

PROFESSORA: Mirela Alves Almeida

ÁREA: Linguagens

Disciplina: Literatura Brasileira

Série: 2ª

Turmas: 2A, 2B, 2C, 2D, 2E, 2F, 2G, 2H, 2I

Atividade 3, referentes ao período de suspensão das aulas presenciais devido ao Covid - 19

Instruções:

- Copiar as questões;
- A entrega do trabalho será no retorno das aulas.

1. Leia os textos:

Texto 1:

Famílias que vivem no lixão catam comida estragada para se alimentar

Condição de centenas de famílias é subumana e até crianças disputam espaço com os urubus no lixão onde deveria ser um aterro sanitário.

Alimentos descartados no aterro sanitário de Boa Vista, que já se transformou em um lixão a céu aberto, estão sendo consumidos por catadores de lixo. Os próprios catadores confirmaram a denúncia. Mais de 200 famílias voltaram a armar barracos nas imediações da lixeira pública de Boa Vista, na saída de Boa Vista no sentido sul da BR-174, conforme noticiou ontem a Folha.

Essas famílias sobrevivem com o pouco dinheiro arrecadado com a venda de materiais recicláveis que catam. A maioria das crianças, filhos dos catadores, ajuda os pais no penoso trabalho. Essas pessoas vivem em uma situação de pobreza extrema, morando em casas de chão batido, cobertas com lona ou papelão. No entanto, em meio às dificuldades, os catadores alegam que gostam do que fazem e que dá, segundo eles, para viver do lixo, apesar do iminente risco de contaminação. O maior medo que eles têm é que a prefeitura os retire do local.

“Não tem trabalho aí fora e o que ganho aqui dá para sobreviver. Sustento meus seis filhos. A vida aqui é difícil, mas a gente logo se acostuma com o fedor. Começo

de manhã cedo e paro só no final da tarde. O material que cato eu vendo para a cooperativa”, relatou a catadora Maria das Graças de Almeida, de 40 anos.

Em média, cada catador faz até R\$ 80,00 por dia. Ontem à tarde, Maria José, de 59 anos, fazia uma busca solitária pelos objetos que a ajudam a sustentar os cinco netos que cria. “Recolhemos vidros e todo material reciclável que é plástico, além de papelão. Aqui a gente também encontra roupas, calçados e até comida”, comentou.

Dona Maria é mais uma moradora do lixão. É gente trabalhadora, mas esquecida pelo poder público. “Os políticos só nos procuram em tempo de eleição. Depois a gente não existe. Só peço a Deus que continue me dando forças para eu ganhar o pão de cada dia”.

O caminhão que faz o despejo do lixo recebe o auxílio dos catadores, que fazem até fila para pegar os melhores sacos. Como não há fiscalização do que vem parar no local, o lixão se torna um grave problema de saúde pública. Já houve acidentes graves e até mortes no local.

“Este ano mesmo um colega nosso ‘marcou’ e foi atropelado pelo carro de lixo. O motorista deu ré e passou por cima dele. Morreu aqui mesmo. Muita gente se corta aqui catando vidro ou lata. Os meninos pegam seringas para brincar. Vem até lixo de hospital para cá”, denunciou um catador, que preferiu não se identificar.

A lei federal é bem clara. Os lixões já não deveriam mais existir. Só que, em todos os municípios de Roraima, essa imagem desumana ainda é realidade. Na Capital, entre montanhas de lixo, os catadores disputam cada saco despejado pelos caminhões coletores. Ninguém usa equipamentos de proteção. E não é só adulto. A Folha flagrou ontem à tarde várias crianças catando lixo.

O catador Leôncio Souza Silva, de 32 anos, ex-ajudante de pedreiro, revirava os entulhos ontem à tarde junto com o filho, de 11 anos. “Ele vem de vez em quando me ajudar, mas está estudando”, justificou o pai. Para escapar do sol escaldante, o menino de aparência abatida descansava debaixo de um dos inúmeros barracos armados em cima da lixeira pública. Passava das 15h e a criança ainda não havia almoçado. O pai disse que sempre faz refeições no lixão e que traz a comida já pronta.

Dezenas de pessoas catam no lixo restos de comida, principalmente carnes, provavelmente descartadas de açougues ou mesmo clandestina. Eles penduram os pedaços em varais e esperam o sol secar. As crianças vigiam para que os urubus fiquem longe. Depois, fritam e comem.

Texto de Amílcar Júnior, Folha de Boa Vista
(22/09/2016)

Texto 2:

O Bicho

Manuel Bandeira

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1947

2. Analise os textos, observando as características de cada um e responda:

- a) Qual deles é literário? Por quê?
- b) Qual deles não é literário? Por quê?

3. Observe que o texto 1 foi escrito em 2016 e o texto 2 em 1947. Construa um pequeno texto, comentando a sua opinião sobre o tema abordado pelos autores. Você acha que, hoje, esta situação ainda persiste em nossa sociedade?

4. A partir da leitura e análise dos textos, comente a seguinte afirmação de Aristóteles:
" A arte imita a vida."